

Cartilha de práticas pedagógicas

GEOGRAFIA

Ensino Fundamental

Racismo Ambiental: territorialidade e ancestralidade sob uma perspectiva geográfica

FRANCIELE FERREIRA

Secretaria Executiva
de Desenvolvimento
da Educação

Secretaria
de Educação
e Esportes



GOVERNO DE
**PER
NAM
BU**CO
ESTADO DE MUDANÇA

Cartilha de práticas pedagógicas

GEOGRAFIA
Ensino Fundamental

Racismo Ambiental: territorialidade e ancestralidade sob uma perspectiva geográfica

FRANCIELE FERREIRA

Secretaria Executiva
de Desenvolvimento
da Educação

Secretaria
de Educação
e Esportes



GOVERNO DE
**PER
NAM
BU**CO
ESTADO DE MUDANÇA

Equipe Técnica

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO - SEDE
Tarcia Regina da Silva

SUPERINTENDÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA - SUPEFI
Rodrigo César Barroncas Silva

PRODUÇÃO EDITORIAL
Companhia Editora de Pernambuco - Cepe

SOBRE A AUTORA

Franciele Ferreira: Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Pernambuco. Graduada em Geografia/Bacharelado (Geógrafa) pela Universidade Federal de Pernambuco(UFPE), integrante de GENÍ - Grupo de Pesquisa sobre Geografias Negras e Indígenas .Participante do Laboratório de Estudos sobre Espaço Cultura e Política (LECGEO). franciele.costa@ufpe.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferreira, Franciele

Cartilha de práticas pedagógicas :
geografia : ensino fundamental : racismo ambiental :
territorialidade e ancestralidade sob uma perspectiva
geográfica / Franciele Ferreira. -- Recife, PE :
Secretaria de Educação e Esportes, 2024.

Bibliografia.
ISBN 978-65-982933-8-3

1. Ancestralidade 2. Antirracismo 3. Geografia
(Ensino fundamental) 4. Justiça ambiental 5. Relações
étnico-raciais I. Título.

24-199475

CDD-372.891

Índices para catálogo sistemático:

1. Geografia : Ensino fundamental 372.891

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Impresso no Brasil 2024
Foi feito o depósito legal

Sumário

Para início de conversa	4
Capítulo 1	
O que é racismo ambiental?	5
1.1 Como a branquitude nega e atrasa a temática racial?.....	6
Capítulo 2	
A Geografia das relações étnico-raciais	9
2.1 “Geo-grafias negras”	10
2.2 E como posso eu, um(a) professor(a), ser um agente ativo na luta antirracista?	11
Capítulo 3	
Ancestralidade ligada ao território	12
3.1 Começo, meio e começo	13
Referências bibliográficas	15

Para início de conversa

Olá, professores e professoras!

Dentro do campo das ciências geográficas, a discussão sobre geografia das relações étnico-raciais é bem recente. O fato de ela ser pouco explorada é, de certa forma, bem proposital. Socialmente falando, estudar a temática racial em um país racista, como o Brasil, não é bem visto. A sociedade é regida pela branquitude e o racismo é expressado de forma velada, o que deslegitima as questões raciais.

Porém, a educação antirracista tem ganhado muita força nos últimos anos e, com isso, tem se desenhado um novo caminho para uma educação verdadeiramente comprometida com a luta antirracista, que não só movimenta uma estrutura socialmente racista, mas que também incomode parte dessa estrutura da sociedade que é detentora de privilégios e é determinante para a perpetuação desse sistema.

Para início de conversa, construiremos essa educação com base no comprometimento e respeito, primeiramente, com os profissionais que estão na linha de frente dessa trajetória: professores e professoras.

Por muitos anos, as ciências humanas foram mascaradas como forma de servir à branquitude, negligenciando os fatos reais de todo o contexto sócio histórico brasileiro. Inicialmente, pensando a Geografia como o estudo das relações construídas dentro da sociedade, tanto de forma concreta, como de forma simbólica, entende-se que essa construção é baseada no gênero, raça/etnia, classe social, escolaridade, profissionalização, etc.

De todos os mecanismos pelos quais o racismo se apresenta dentro dessas relações, aqui quero chamar a atenção dos(as) caros(as) professores(as) para uma discussão e aprofundamento acerca do racismo ambiental dentro de uma perspectiva territorial e ancestral.

Como professora e pesquisadora da Geografia, me proponho a construir uma discussão acerca das relações étnico-raciais a partir desse olhar geográfico e, diante disso, apresentar possibilidades metodológicas com base nas habilidades do componente curricular, para que assim possamos estar verdadeiramente comprometidos com uma educação antirracista e plural. Vamos lá!

1

O que é racismo ambiental?

Inicialmente, o conceito de racismo ambiental foi criado e utilizado pela população negra estadunidense para expressar a injustiça ambiental em um contexto racializado, referindo-se, portanto, a como comunidades étnicas estão submetidas a situações de vulnerabilidade e degradação ambiental.

Essas situações podem se caracterizar como a inacessibilidade a recursos naturais e exclusões na tomada de decisões sobre territórios tradicionais e recursos locais, como também por consequências das degradações ambientais causadas por inundações, queimadas, poluição, situação precária de moradia, etc.

O racismo ambiental está presente na vida da população que não consegue acessar direitos básicos dentro da sociedade. Majoritariamente, devido aos resquícios da escravização no Brasil, a população negra e pobre é a mais atingida pelos mecanismos do racismo ambiental, considerando a falta de acesso a direitos básicos, como saneamento, segurança, saúde, moradia, e muitos outros. Por outro lado, a população majoritariamente branca usufrui não só de direitos, mas também de privilégios, causando ainda mais a inserção da população negra na vulnerabilidade.



FALA PESQUISADOR/A

“Em outras palavras, não se trata de um sistema biofísico sem pessoas. Pelo contrário, trata-se de um sistema geográfico que comporta pessoas e suas atividades diárias de trabalho, moradia, recreação, devoção, deslocamentos urbanos e toda uma gama de atividades necessárias à fruição da vida que requeiram a disposição do espaço geográfico” (SOUZA, Arivaldo Santos de., 2015)

Isso pode ser discutido em sala de aula a partir de estratégias pensadas e voltadas para epistemologias negras, pois é necessário repensarmos as metodologias e a forma como ensinamos nossos discentes a pensarem as relações étnico-raciais diante dessa estrutura social.



ISSO É MASSA!

O filme *Elementos* da Disney, lançado em 2023, é uma ótima estratégia lúdica e visual para se trabalhar a temática. Com classificação livre, o filme traz auxílio no alcance e compreensão acerca da vulnerabilidade ambiental.



1.1 Como a branquitude nega e atrasa a temática racial?

Podemos entender o racismo estrutural como uma dominação da branquitude que se coloca em um lugar superior e de dominação no que se refere a outras populações raciais/étnicas, sobretudo as que possuam descendência africana.

Historicamente, a palavra “negro” tem um significado pejorativo, de algo ruim, que não é humano, associado a uma origem animal. A branquitude perpetuou, por muito tempo, esse sentido negativo para referência a pessoas pretas e pardas. Considerando esse histórico, entende-se que, em um estrutura como essa, há quem detém poder e privilégios e há quem não detém nem mesmo serviços básicos.

Nessa divisão desigual, a população menos favorecida, ou nada favorecida, é excluída, em tempo, espaço e território, e tem seus saberes e conhecimentos ancestrais deslegitimados e apagados da história oficial.

A branquitude está caracterizada como o estudo científico sobre as relações étnico-raciais, mais precisamente da população branca e seus privilégios enquanto cor/etnia que se coloca como projeto de referência na sociedade, o que produz e reproduz apagamento e exclusão de grupos distintos, como, por exemplo, da negritude. Há várias formas de denunciar esse apagamento e exclusão que a negritude vem sofrendo ao longo do tempo. Uma delas é na produção científica, na pesquisa, na escrita. Porém, devido ao processo de apagamento, não é algo que esteja em visibilidade em espaços como a escola e a universidade.

O psiquiatra, filósofo e político Franz Fanon discutiu, em *Peles negras, máscaras brancas* (1952), como a branquitude se coloca como racista e excludente, fazendo com que a parcela da população negra tome para si um processo de embranquecimento, na tentativa de se adequar ao mito do branco como referência.

Já em *O pacto da branquitude*, a psicóloga Cida Bento nos traz uma reflexão sobre como essa parcela da população brasileira busca negar todo esse processo de exclusão e apagamento sofrido pela população negra e, acima de tudo, negar seus privilégios obtidos a partir dessas violências.

Apesar disso, o Brasil segue sendo um país racista, onde as violências são destinadas, principalmente, a pessoas com traços negroides bem evidentes, como aqueles de cor de pele retinta. Segue sendo um país onde a maioria da população que sofre com o racismo ambiental é negra. Segue sendo um país onde a maioria da população que sofre com a violência e o descaso é negra. Resultado de quase 400 anos de escravidão em um país que traz consigo, de forma enraizada, o racismo.

Pensando nisso, pode-se entender o racismo ambiental a partir da análise das problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas, principalmente, aquelas relacionadas à distribuição, estrutura e dinâmica da população, suas situações de vida e trabalho; bem como a segregação espacial, nos estudos sobre comunidades, alagamentos e zonas de risco (EF08GE16PE / EF08GE17PE). Além disso, é possível fazer essa análise a partir das características de países e grupos da América e da África acerca de aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, discutindo desigualdades sociais e econômicas, assim como a relação do ser humano e a natureza acerca de sua apropriação territorial (EF08GE20PE).



PARA REFLETIR...

Nos Estados Unidos o **racismo** é escancarado, basta ter uma gota de sangue negro que você é considerado negro independente dos seus traços, e vai sofrer por isso. Já aqui, no Brasil, temos o **racismo velado**, pois somos um país racista e toda branquitude nega esse fato, alegando que **não existe racismo**.



VOCÊ SABIA?

A maior população negra fora do continente africano está no Brasil. Segundo o portal *Geledés*, o único país com uma população negra maior que o Brasil é a Nigéria.



GUARDE ESSA IDEIA

Neste capítulo, é importante o alcance da compreensão de que o racismo ambiental está caracterizado por uma exclusão e segregação que atinge e expõe à vulnerabilidade a população negra.



Pessoas em situação de rua no Recife. Fonte: Wikimedia Commons



PARA SABER MAIS

Seguem algumas dicas de material para apoio:

- + ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- + ARIVALDO, Santos de. **Direito e racismo ambiental na diáspora africana: Promoção da justiça ambiental através do direito**. Salvador · Edufba: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015.
- + BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- + FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira . Salvador : EDUFBA, 2008
- + MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

2

A Geografia das relações étnico-raciais

A Geografia das relações étnico-raciais ainda é pouco explorada dentro da própria universidade, não existe a obrigatoriedade do estudo desse campo (existe um apagamento proposital). Ao longo desta cartilha, vamos observar diversos autores que já trabalham com esse tema há anos.

Pensando nos vários mecanismos pelos quais o racismo pode se apresentar, sabemos que, apesar de ser considerado um crime, ele vem sendo praticado pela sociedade brasileira de forma que, na maioria das vezes, a impunidade sai vencendo. Silvio Almeida, no seu livro *Racismo estrutural*, critica esse sistema capitalista racista, quando diz que o racismo estrutural consegue ser mantido através de mecanismos, como a segregação social e racial, que causa uma grande desigualdade e gera uma exclusão econômica, social, cultural, etc. A sociedade se expressa de forma racista, logo, as instituições que fazem parte do conjunto social também (Almeida, 2019).

Historicamente, a literatura afrobrasileira é pouco explorada e discutida. Porém, nos últimos anos, presenciamos o crescimento de epistemologias voltadas para um ensino que esteja comprometido com uma educação antirracista, buscando trazer protagonismo para aqueles que foram duramente apagados da história e da construção identitária do Brasil. As geografias negras seriam um exemplo dessas epistemologias.



VOCÊ SABIA?

Segundo o IBGE, no último censo de 2022, **55,5%** da população brasileira se considera **negra**, considerando que, para o IBGE, pretos e pardos são considerados negros.



PARA REFLETIR...

No campo jurídico, desde 1989, existe uma lei que criminaliza o racismo. Conhecida com **Lei do Racismo (7.716/89)**, pune todo tipo de discriminação ou preconceito, seja de origem, raça, sexo, cor, idade, sob pena de dois a cinco anos de reclusão.

2.1 “GEO-GRAFIAS NEGRAS”

A geógrafa Geny Ferreira Guimarães traz a ideia de “GEO-GRAFIAS NEGRAS” como forma de mostrar que a população negra precisa e deve ser vista como protagonista da história do Brasil. Esse protagonismo é defendido a partir, principalmente, das produções acadêmicas, na pesquisa e na formação enquanto profissionais da educação.

No papel de professores(as), precisamos estar atentos às mudanças e esse é o momento. A lei n.º 10.639/2003 está batendo a porta, devemos, a partir dela, abrir caminhos para novas possibilidades de ensino e aprendizagem, mostrando o lado da história que sofreu com um apagamento consequente de um sistema racista e opressor. Com essa luta, é necessário comprometimento, pois, em uma sociedade racista, não basta apenas não ser racista, precisamos ser antirracistas.



FALA PESQUISADOR/A

A proposta apresentada representa a necessidade de pensarmos em termos de métodos, metodologias, epistemologias afrocentradas para a Geografia que possam ser aplicadas nas pesquisas, nas formações de novos docentes e nas práticas pedagógicas. Estamos longe de propor um guia ou manual, mas reflexões no sentido de encararmos como necessário o desenvolvimento de uma perspectiva antirracista e enegrecida, que ajude a caracterizar as abordagens de Geografias Negras (Guimarães, 2020, p. 307).

2.2 E como posso eu, um(a) professor(a), ser um agente ativo na luta antirracista?

- 1 Instigar os/as estudantes a se aproximarem dos livros com temáticas raciais.
- 2 Incentivar estudantes negros/as a construir uma consciência racial.
- 3 Planejar aulas e atividades com base em literaturas negro-brasileira.
- 4 A aplicação da lei 10.639/2003 de forma que os instrumentos didáticos ajudem os/as estudantes a entenderem a valorização da cultura negra.
- 5 Aplicar debates sobre temáticas raciais que não são comuns dentro da sala de aula. Os/as alunos/as têm direito de aprender o outro lado da história.



GUARDE ESSA IDEIA

É imprescindível que você consiga passar para seus/suas estudantes a importância da Geografia das relações étnico-raciais e como todos/as podemos combater o racismo.

É fundamental destacar as geografias negras para compreender a relação do indivíduo com espaço a partir de um fator determinante, que transpassa o indivíduo, a raça.



PARA SABER MAIS

Artigos sobre a temática:

- + ANJOS, Rafael. **A geografia afro-brasileira, o estado de mentalidade colonial e a governança racista**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, ed. 104, p. 23-60, 2020.
- + **Diversidade étnica no Brasil invisível-visível: Apropriações-usos dos territórios e conflitos socioespaciais**. In: GEOGRAFIA e conjuntura brasileira. [S. l.: s. n.], 2017. cap. 11, p. 275-309.
- + FERREIRA Guimarães, G. (2020). **GEO-GRAFIAS NEGRAS & GEOGRAFIAS NEGRAS**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/As (ABPN), 12(Ed. Especi), 292-311.
- + TORQUATO Ventura Canuto, L., Zuluaga Henao, N., dos Santos Gregório Neves, R., & de Castro Balbino, S. (2023). **Afrocentricidades: Bases teórico-epistemológicas africanas e afro-diaspóricas para repensar a educação brasileira**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), 17(Edição Especial).

3

Ancestralidade ligada ao território

O conceito de território é uma das principais categorias discutidas dentro da ciência geográfica. É considerado como uma delimitação no espaço que oferece garantia para pessoas e instituições, interação e apropriação de uma determinada parcela do espaço. Portanto, todo ser que se relaciona com o espaço está inserido em um território. Por isso, há uma reverberação de vivências e experiências desses sujeitos de forma que, independente da classe, do gênero, da cor/etnia, estão compartilhando o mesmo espaço, mas em territórios diferentes.

A ancestralidade ligada ao território nos mostra a importância de discutirmos, principalmente, as formas de uso e apropriação de territórios no Brasil. Os territórios quilombolas, lugares que fazem parte da ancestralidade da maioria da população brasileira e, portanto, são considerados espaços de luta e resistência desses povos.



PARA REFLETIR...

“O Brasil tem mais de 1,3 milhões de quilombolas; quase 90% estão em territórios não titulados”

Brasil de Fato / São Paulo / 27/07/2023



SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA!

O termo **Contracolonialismo** foi criado pelo líder quilombola Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nêgo Bispo. Com essa expressão, ele elevou sua luta contra a sociedade colonialista de maneira que deixou evidente que os quilombolas não foram colonizados, pois são contracoloniais. Eles levam, em suas raízes, a ancestralidade negra no seu modo de vida.

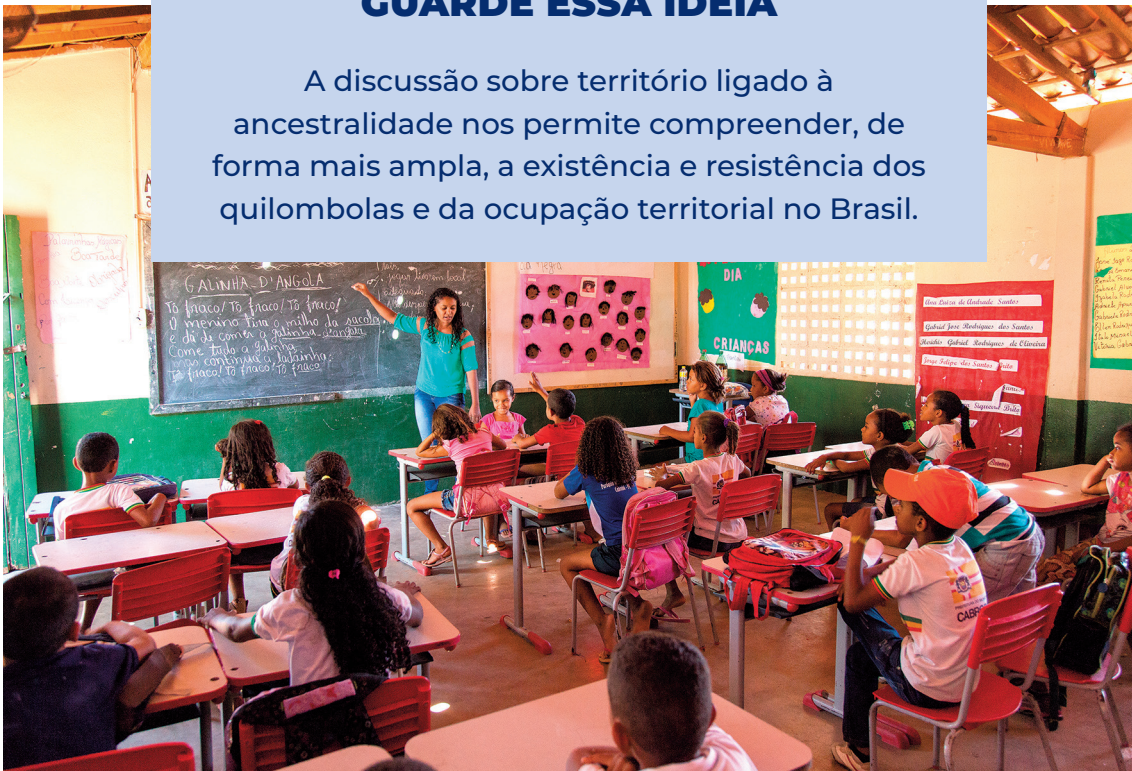
3.1 Começo, meio e começo

Nêgo Bispo nos mostrou, na prática, o que é ser contracolonialista, principalmente, se formos fiéis à nossa ancestralidade, pois nós somos o “começo, meio e começo”. Nossa trajetória não tem fim e se estivermos ligados à nossa ancestralidade, nossa continuidade é certa. Além disso, nos mostra que, apesar da colonização e de todo o processo de escravização da população negra, o movimento quilombola resiste e insiste.

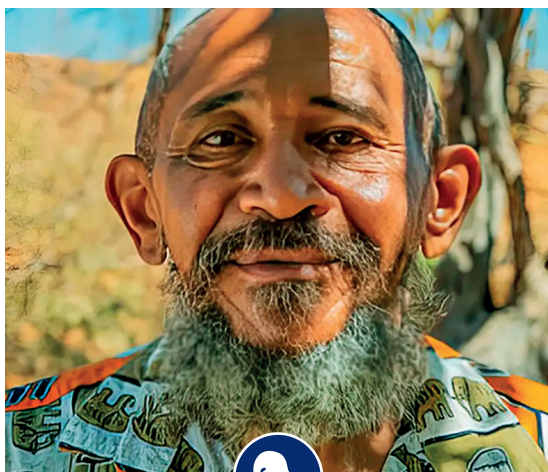


GUARDE ESSA IDEIA

A discussão sobre território ligado à ancestralidade nos permite compreender, de forma mais ampla, a existência e resistência dos quilombolas e da ocupação territorial no Brasil.



Comunidade Quilombola em Terra Nova/PE. Foto: Ministério da Integração Nacional



FALA PESQUISADOR/A

“Eu vou falar de nós ganhando.
Porque falar de nós perdendo
eles já falam.” **(Nêgo Bispo)**

Não fomos colonizados

Por Nêgo Bispo

“Quando nós falamos tagarelado
E escrevemos mal ortografado
Quando nós cantamos desafinado
E dançamos descompassado
Quando nós pintamos borrando
E desenhamos enviesado
Não é por que estamos errando
É porque não fomos colonizados”.

NÊGO BISPO

Antônio Bispo dos Santos – Quilombo
Saco-curtume, em São João do Piauí/PI



PARA SABER MAIS

- + GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural da amefricanidade.** In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, No. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.
- + GRIZORTI, W. **Decolonialidade e a formação continuada de docentes.** [s.l.] Editora Diálogos, 2021.
- + HOOKS, Bell. **Olhares negros: Raça e representação.** Traduzido por Stephanie Borges. São Paulo: N-1 edições, 2019.
- + SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- + YGOR, C. **Uma experiência do ensino de Geografia na educação quilombola.** [s.l.] Novas Edições Acadêmicas, 2015.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural* / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019

ANJOS, Rafael. *A geografia afro-brasileira, o estado de mentalidade colonial e a governança racista*. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, ed. 104, p. 23-60, 2020.

-----*Diversidade étnica no Brasil invisível-visível: Apropriações-usos dos territórios e conflitos socioespaciais*. In: GEOGRAFIA e conjuntura brasileira. [S. l.: s. n.], 2017. cap. 11, p. 275-309.

BENTO, C. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008

FERREIRA Guimarães, G. (2020). *GEO-GRÁFIAS NEGRAS & GEOGRÁFIAS NEGRAS*. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), 12(Ed. Especi), 292-311.

GRIZORTI, W. *Decolonialidade e a formação continuada de docentes*. [s.l.] Editora Diálogos, 2021.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

TORQUATO Ventura Canuto, L., Zuluaga Henao, N., Dos Santos Gregório Neves, R., & de Castro Balbino, S. (2023). *Afrocentricidades: Bases teórico-epistemológicas africanas e afro-diaspóricas para repensar a educação brasileira*. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), 17(Edição Especial).

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SOUZA, Arivaldo Santos de. *Direito e racismo ambiental na diáspora africana: Promoção da justiça ambiental através do direito*. Salvador. Edufba: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015.

YGOR, C. *Uma experiência do ensino de Geografia na educação quilombola*. [s.l.] Novas Edições Acadêmicas, 2015).

13 de maio: Comemorar o quê? Portal Geledés. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/13-de-maio-comemorar-o-que/#:~:text=O%20Brasil%2C%20ultimo%20pa%C3%ADs%20a,negra%20fora%20do%20continente%20africano.>> Acesso em: 14/01/2024.

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Raquel Teixeira Lyra Lucena
Governadora do Estado

Priscila Krause Branco
Vice-Governadora

Ivaneide de Farias Dantas
Secretária de Educação e Esportes – SEE/PE

Tarcia Regina da Silva
Secretária Executiva de Desenvolvimento da Educação – SEDE

Secretaria Executiva
de Desenvolvimento
da Educação

Secretaria
de Educação
e Esportes





Secretaria Executiva
de Desenvolvimento
da Educação

Secretaria
de Educação
e Esportes



GOVERNO DE
**PER
NAM
BU**CO
ESTADO DE MUDANÇA

